

Cadeira n. 22: Júlio Ribeiro
Diário de Minas. 17. 3. 1957

HEITOR GUIMARÃES — Em 6 de junho de 1863 nasceu Heitor Guimarães, num lar humilde, no distrito de Sarandi, do Juiz de Fora. Falleceu na referida cidade em 17 de janeiro de 1937. Paupérrimo, começou muito cedo a lutar pela subsistência, em constante autodidatismo. De posse do primário, ministrado pelos próprios parentes, seguiu para Juiz de Fora, que foi o seu derradeiro domicílio. Dono de uma letra admirável (era exímio calígrafo), de senhista perfeito, foi aos poucos dominando o vernáculo. Fez-se jornalista e professor. Esteve muito tempo no Rio de Janeiro, onde lecionou português e outras disciplinas. Retornando a Juiz de Fora, continuou a lecionar em vários estabelecimentos. Tornou-se ardoroso republicano, valendo-se da pena para a propaganda do regime. Redigindo jornais, fundado alguns ("Democrático", 1884); "Gazetinha", 1888, "Folha Azul", entrou em convivência com as figuras mais ilustres da época. Poeta delicadíssimo, escreveu: "Versos e Reversos", "Volateis". Contista, publicou um volume sob o título "Maticores". O resto de sua existência passou-a na redação da "Gazeta Comercial", que fundou. O matutino juizdeforense conserva-lhe o nome em homenagem à sua memória. Usou vários pseudônimos: "Vaugirard", "Hyacinthus", "Innominatus", e as siglas H. G.. Era exímio na crônica política, sempre equilibrado, dentro de serena franqueza, fidelíssimo em tudo e, por vezes, perfeito na análise de homens e de fatos. Quando se cogitou da fundação da Academia, seu nome foi imediatamente lembrado. Pôs-se em campo, aceitando imediatamente a idéia, a que deu franco e decisivo apoio. Participou assim, do grupo dos "Doze", de que se compunha inicialmente a instituição. Foi eleito bibliotecário, cargo que ocupou até à transferência da Academia para Belo Horizonte. Notabilizara-se Heitor Guimarães por uma grande bondade, servida a um tempo por brilhante imaginação e arguta inteligência. Deu mão a numerosos moços, que buscavam a luta jornalística, formando, indiretamente, uma espécie de escola de jornalismo pela ação direta. O menino pobre de Sarandi, que começou a lutar desde os catorze anos, fechara os olhos ao mundo, trazendo entre os dedos a pena de jornalista e o livro aberto de professor. Exemplo de tenacidade que não esmorece, deixou aos seus e a Minas um nome honrado, a que a pobreza deu realce ainda maior, além da recordação de um espírito que madrugou na defesa dos grandes ideais do homem: a liberdade e a paz com justiça.



Heitor Guimarães

PAULO REHFELD — Nasceu Paulo de Araujo Rehfeld em Diamantina no dia 2 de setembro de 1902. Filho de Eugênio Ernesto Augusto Rehfeld, natural da Alsácia Lorena, e Josefina Coelho de Araujo Rehfeld, pertencente a uma antiga família diamantinense, fez o curso primário em Itabira. Vindo para Belo Horizonte, começou a trabalhar em repartições do Estado, dedicando-se ao mesmo tempo aos estudos.



Paulo Rehfeld

Conseguido o curso secundário, ingressou mais tarde na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais, diplomando-se em 1937. Galgando vários postos administrativos, chegou a diretor de repartição. Dedicou-se também ao magistério. Foi eleito em 1937 membro da Academia em votação unânime, firmado no romance de fundo histórico "O Amigo de Duclerc", publicado em 1937. Antes, em 1926, já havia publicado o livro de contos "Os Rebe-lados". Além de numerosos artigos esparsos pelos jornais e em revistas, escreveu estudos sobre finanças e contabilidade, um dos quais foi editado pelo governo do Estado. Tem prontos para o prelo três trabalhos: "Conquista e Civilização do Vale do Rio Doce", (história), "Vila Rica e Tejuco" (contos baseados em temas da história mineira) e "O Sol na Selva" (romance). Pertence ao Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Minas Gerais. Na atualidade, exerce funções junto à Comissão Urbanizadora da futura Capital do Brasil, em construção no planalto central, com a denominação Brasília. Paulo Rehfeld é um estudioso das tradições de Minas, a cujo passado se devota com entusiasmo. Sua posição é a de um verdadeiro "ex-

pert", não só se debruçando sobre livros e documentos, senão também viajando pelos lugares antigos em observações locais, muito preciosas. Seu documentário é farto e muitos são os elementos materiais colhidos (armas, utensílios, etc.), que distribuiu a diversas instituições. Escondendo-se em modéstia, que é nele natural, sincera, é palavra respeitada nos conselhos acadêmicos.

(Coleção organizada por MARTINS DE OLIVEIRA)